

## ÍNDIOS SERTANEJOS - a vida dos kiriris

Agnes Mariano

Dia de sábado em Mirandela, o coração da reserva indígena kiriri. Homens, mulheres, velhos, jovens e crianças vestem as suas roupas novas de palha de ouricuri, preparam um novilho assado, que todos comem juntos, e depois descansam. Eles precisam de muita energia, pois passarão a noite toda pisando o Toré. O ritual, que começa por volta das 21h e vai até às 3h da manhã, é uma dança coletiva acompanhada por cânticos e pelo som de chocalhos feitos de cabaças. O que mais impressiona no Toré dos kiriris é a força com que todos pisam o chão, de forma ritmada, juntos, como se fossem uma só pessoa. O motivo de tanta harmonia está no prazer que eles têm em simplesmente estar juntos. Através do Toré e em todos os outros momentos em que trabalham, descansam ou se divertem, sempre juntos, os kiriris reforçam os seus laços e buscam a força, a coragem e o entusiasmo necessários para seguir em frente na sua difícil vida de índios sertanejos.

Quem sai de Salvador rumo à reserva dos kiriris, percorre em cerca de 5h os 340 quilômetros que separam as duas cidades. Aos poucos, a vegetação densa e o clima úmido do litoral vão dando lugar a uma região de agreste e caatinga, na bacia do médio Itapicuru. Estamos no município de Banzaê. O visitante logo percebe que é preciso ter muita resistência para conviver com o clima seco, o sol intenso, as noites frias e as alterações bruscas de um lugar onde uma chuva forte com trovoadas pode desabar inesperadamente, para desaparecer em seguida. Depois de passar por Inhambupe e Cipó, o ônibus finalmente deixa o asfalto e entra na estrada de barro que leva até a reserva dos kiriris. Margeando a estrada, uma vegetação rasteira com muitos arbustos de jurema amarelados - a planta de cuja casca, raízes e frutos se faz a bebida sagrada do Toré. Ao longe, até onde a vista pode alcançar, a mata.

A chegada a Mirandela surpreende qualquer pessoa. Aparentemente, trata-se de uma típica cidade do interior da Bahia - casas térreas com janelas de madeira e propaganda política colada nas fachadas, uma praça central com jardim, uma igreja, um bar, uma padaria -, mas os seus moradores parecem ter acabado de sair das páginas de um livro de história do

Brasil. São homens, mulheres e crianças com pele bronzeada, corpos fortes, olhos repuxados e longos cabelos lisos e negros que vão até o meio das costas ou cintura, no caso das mulheres. Apesar dos casamentos com brancos e negros também terem gerado caboclos e cafuzos, todos eles se definem como índios, membros do povo kiriri. Em ocasiões importantes, como o dia 11 de novembro (comemoração da retomada de Mirandela), todos usam um saiote verde feito com folhas de ouricuri, sobre o calção ou short. Também são feitos de ouricuri trançado a tiara que eles trazem na testa e o sutiã que as mulheres usam. Transpassada sobre o peito ou amarrada na cintura, os homens transportam uma bolsa bege feita com fibra de caroá. Alguns levam também suas armas: arcos e flechas. Como adorno, a maioria usa colares feitos de sementes. Para nos lembrar que já se passaram cinco séculos desde a chegada dos primeiros portugueses, alguns usam sandálias de borracha e transitam de bicicleta.

Tranqüilos, mas desconfiados, os kiriris geralmente não gostam de falar com estranhos, principalmente os homens, e têm lá suas razões: séculos de contato com os não-índios lhes trouxeram vários prejuízos. Segundo dados da Associação Nacional de Ação Indigenista (Anai-Bahia), primeiro foram os jesuítas, que conseguiram fazer os índios deixar de viver dispersos na caatinga, fundando o povoado “Saco dos Morcegos”, em 1656. Uma das conseqüências foi o abandono de costumes e rituais como o “Uraqidzam”, a “Cabana Sagrada” e a conversão ao catolicismo. O padroeiro da aldeia é Nosso Senhor da Ascensão. Em 1700, a pedido desses religiosos, uma área de 12.300 hectares foi doada aos kiriris através de um alvará do rei de Portugal, mas com a expulsão dos jesuítas do Brasil, poucos anos mais tarde, as coisas começaram a mudar para os índios. Saco dos Morcegos transformou-se em Mirandela e as antigas cidades dos jesuítas se desestruturaram economicamente. Nessa mesma época, começava a ocupação das terras do interior do Nordeste por colonos e posseiros, que, inclusive, invadiam terras indígenas. As misturas e conflitos entre índios e não-índios começam desde então.

Uma nova tentativa de convívio mais intenso com os brancos aconteceu no final do século passado, em Canudos, localizada próxima à reserva dos kiriris. Antonio Conselheiro mantinha com eles contatos freqüentes e muitos resolveram partir em busca do “rio de leite e ribanceira de cuscuz” prometidos pelo profeta sertanejo. “Meu avô contava que foi daqui a madeira pra botar na igreja de Canudos”, conta o senhor Zacarias Antonio, de 92 anos.

Outra história famosa sobre a participação dos índios em Canudos é que teria sido uma flecha kiriri que matou o temido Coronel Moreira César, o “Corta Cabeça”. Com a guerra de Canudos, muitos índios morreram e, com eles, o conhecimento sobre rituais como o “cururu” e os últimos falantes da língua nativa, o kipeá.

Quando os poucos sobreviventes conseguiram voltar para a reserva, descobriram que já não eram bem vindos: encontraram brancos por toda parte, inclusive em Mirandela e passaram a viver espalhados pela serra, morando em casebres de palha. O século XX foi repleto de conflitos com os descendentes desses posseiros, culminando, em 1995, após a morte do índio Adão, na ocupação definitiva de Mirandela. Com a intervenção da Funai e Polícia Federal, se deu a saída de todos os não-índios. Eles deixaram para trás 300 casas, agora ocupadas por cerca de 58 famílias kiriris, explica Domingos, um dos líderes de Mirandela. Em toda a reserva, hoje em dia existem cerca de dois mil kiriris, divididos em dois grupos, liderados por caciques distintos. O último dia 11 de novembro foi uma data muito importante para eles: a comemoração de cinco anos da retomada de Mirandela.

## AMOR

“Amor, paciência e obediência” são os três princípios fundamentais para se viver bem, em tempos de paz e de guerra, explica o cacique Lázaro Gonzaga, de 60 anos, um dos líderes dos kiriris desde a década de 70. Primeiro de tudo, a amor à terra, que lhes permite sobreviver com o cultivo de mandioca, feijão, batata e milho, em pequenas plantações individuais e comunitárias. “Segunda-feira a gente trabalha todo mundo junto”, conta Odice de Jesus, de 38 anos. Além do mutirão semanal, todos unem esforços também em ocasiões como a preparação das festas e a transformação da mandioca em farinha, na casa de farinha, no fundo da aldeia, explica o cacique. Agora, que acabaram de colher o feijão, eles farão em mutirão a limpeza dos marcos da reserva - formada por sete povoados - e a preparação das roças para o próximo plantio: feijão de corda.

Para os kiriris, amor também é uma boa palavra para definir o vínculo que eles têm com a natureza. Muito tímido, Eliodoro, um índio de Marcação - o último povoado da reserva reconquistado pelos kiriris, em 1998 - só se empolga e fala sem constrangimentos sobre plantas e mata: “Aqui tem murte, cambucá, cambuí, uns três pés de jenipapo, aracá, um de

jaboticaba, muito cajueiro. Na minha roça tem uns sete pés de manga: quando dá, chega até a espediçar”.

O assunto também empolga o senhor Zacarias Antonio, que, de tímido, não tem nada, pois pára um grupo de visitantes no meio da aldeia e dispara: “Oi, querem ir na minha casa?”. Lá, os únicos objetos visíveis são cadeiras, redes e as panelas de alumínio que ele está comprando à prestação de um caixeiro viajante. Instalado na sala, enquanto come a pipoca que sua esposa acabou de fazer no fogão de lenha, ele conta que o segredo da sua eterna juventude veio da floresta, onde nasceu e se criou. “Eu não conhecia gente, só comia coisa da floresta, não comia sal, não perdia noite. Por isso fiquei assim. Tenho sobrinho muito mais novo, que parece meu vovô, cabelo branco, todo acabado”, explica ele. Tanto que, apesar dos 92 anos, Zacarias ainda trabalha na sua roça de mandioca e cajueiros, mas sabe que já está na hora de parar: “Eu só estou cuidado da lavourinha, assim na mão: não tenho mais força e a vista não tá bem. Eu até mandei fazer aquele olho de ferro, mas não uso”, conta ele, rindo, referindo-se aos óculos.

É claro, os kiriris também entendem de “amor romântico” e têm os seus próprios jogos de sedução, que começa para alguns aos 12 ou 13 anos de idade. Mostrando que são bons repentistas, não é difícil encontrar quem cante alguns versos sobre o tema. “Mulher é cobra jararaca / Não devia nascer / Porque tem feitiço no olho / Faz o homem enlouquecer”, cantarola o cacique Lázaro, acrescentando: “Morei seis meses só, pra nunca mais, não posso passar sem esse veneno”.

Voltando a falar sério, como líder do grupo, ele explica que, quando dois jovens querem se casar, a primeira pergunta feita é: “Vocês têm coragem pra trabalhar? Porque quem não trabalha não come do gostoso”. Mas, contam os jovens, quem decide a hora certa são os interessados. Magra, alta, bonita e discreta, Maria Eudes, de 14 anos, apesar de já ter tido pretendentes, ainda não se decidiu: “Me acho nova demais pra casar”. Na paquera ao estilo kiriri, um pequeno objeto é peça fundamental: um cone feito de palha de ouricuri que um jovem introduz no dedo mindinho do outro. Se o alvo da paquera permitir, já sabe que o seu dedo ficará preso inevitavelmente e que será suavemente arrastado para algum lugar discreto.

Casada e com oito filhos, Odice de Jesus explica que, em Mirandela, existem alguns locais preferidos para o namoro, sem contar quais são. Bem humorada, ela cantarola outro verso

sobre a vida amorosa, na ótica feminina: “A palha do coqueiro imbalança, cai / A moça quando casa não namora mais / A palha do coqueiro tá imbalançando / O homem quando casa, tá namorando”.

## PACIÊNCIA

Os kiriris sempre falam baixo. As crianças correm e sorriem muito, mas nunca gritam e dificilmente alguém verá uma delas chorando ou levando palmadas dos pais. Nos seis meses em que morou entre eles, em 1985, a antropóloga Lúcia Mascarenhas nunca presenciou essa cena. De lá para cá, ela já fez muitas visitas aos índios, mas nunca esqueceu de um episódio que ilustra bem o modo como a paciência está presente entre esses índios, seja na forma de encarar a vida ou de educar seus filhos.

“Nessa época eles ainda viviam nas cabanas. Era noite e estávamos todos em volta de uma fogueira, conversando. Ao redor, era o breu total. A fogueira estava ficando fraca, então um garotinho muito pequeno levantou e saiu dali, sozinho. Ninguém olhou, ninguém disse nada, nem a mãe. Só eu fiquei preocupada. Depois de muito tempo ele voltou arrastando um pedaço de pau. Sem falar nada, um dos índios levantou pra abrir passagem e o garoto foi empurrando com dificuldade a madeira até perto da fogueira. Eu falei, ‘ele vai cair’, e mãe dele disse: ‘Qui...’. O pedaço de madeira ficou lá, mal colocado, todo mundo conversando. Depois de muito tempo, alguém levantou, foi lá e ajeitou, falando assim: ‘É, a fogueira vai acabar’. Quer dizer, ninguém impediu que o menino tivesse a iniciativa, ninguém super protegeu, ninguém repreendeu ou corrigiu o garoto, mostrando como era ‘o certo’, como qualquer um de nós faria na mesma situação”, diz Lúcia.

Muita paciência também foi necessária para os kiriris retomarem Mirandela, depois de décadas de conflitos e mortes dos dois lados. A versão dos kiriris dessa história complexa é resumida pelo cacique Lázaro com versos e prosa: “Foi três séculos de resistência / com muita luta e suor. / O povo kiriri / sofrendo que nem mocó. / Mas de 80 pra cá, / a coisa ficou melhor./ Vivia passando fome, / sem ter nada pra comer, / porque o posseiro não deixava a gente sobreviver. / A penúria era tão grande, que só pensava em morrer. Porque pensava em morrer? Saía da sua casa, deixava a família lá em cima daquela serra, vinha pra feira, quando chegava aqui, trabalhava um dia, e no outro dia quando ia receber o dinheiro, quem pagava, não dava o dinheiro, dava cachaça e vivia nessa situação. A exploração foi

grande”. Há cinco anos atrás, quando a situação chegou a um ponto crítico e o convívio entre índios e não-índios tornou-se impossível, a Funai e a Polícia Federal interviram, restituindo aos kiriris o direito de ocupar a área que já havia sido definida como terra indígena desde 1990, por um decreto presidencial.

O problema grave é que muitas das famílias desapropriadas não foram indenizadas devidamente ou não receberam estrutura adequada para retomarem suas atividades produtivas. Até hoje em dia, muitas vivem em condições precárias, em assentamentos improvisados. O problema é considerado grave pelos próprios índios: “A Funai tem que indenizar esse pessoal, mais de 40 famílias ainda não receberam nada”, reclama o cacique Lázaro. Além de ser justa, a indenização poderia também diminuir a tensão que ainda paira no ar da região.

## OBEDIÊNCIA

A obediência dos kiriris aos seus costumes e valores lhes possibilitou um feito histórico: possuem a primeira cidade indígena brasileira. Em contrapartida, o desafio que têm pela frente, não é pequeno, pois querem continuar sendo kiriris, mas sabem que precisam compartilhar da sabedoria dos brancos. Além do cacique Lázaro - que já esteve em encontros indígenas em muitas cidades da Bahia, no Ceará, Pernambuco, Peru, Equador, Colômbia, Bolívia e Venezuela - outros kiriris também já viajaram e conheceram outras culturas. Maria Iracema de Souza, de 35 anos, filha do cacique, trabalha na organização não-governamental Águia Dourada e passa períodos do ano em Salvador. Odice de Jesus já esteve quatro vezes em Salvador e uma vez em Brasília. Sobre a vida urbana, ela diz que “não é mal não, é que a gente quando está acostumado num lugar, quando chega no outro acha diferente”.

Entre os mais jovens, alguns já estiveram na capital do estado, levados pelo músico Carlinhos Brown para participar do carnaval da Timbalada. Sobre a experiência, que consideraram boa, eles lembram principalmente das mulheres que tentavam agarrá-los. Como acontece com homens e mulheres de todos os povos, algumas vezes a vontade de conhecer outra cultura pode ser irresistível e o kiriri parte em busca de outro mundo, como fizeram duas filhas de senhor Zacarias, que moram em São Paulo. Alguns foram e se arrependeram. Sem ressentimentos, são aceitos de volta.

Mas depois de tudo o que já passaram, a curiosidade não é uma característica muito presente entre os kiriris. Maria Eudes só viu o mar pela televisão, que ela assiste todas as noites, mas nunca pediu ao seu pai para ir a Salvador: “Não sou muito chegada a sair não. Eu imagino que Salvador seja muito bonita. Na tv passa muita violência, mas eu acho que é mentira. Acho que Salvador deve ser meio calmo”. Apesar de não negar que tem uma pontinha de curiosidade de conhecer outros lugares, ela prefere falar sobre a sua vida em Mirandela: “Aqui a gente é livre e faz muita coisa”.

Alheias à curiosidade dos visitantes, as crianças kiriris são quem melhor define essas “muitas coisas” que se pode fazer em Mirandela. Sempre em bando, elas correm pela igreja, entram e saem despreocupadas da última palhoça nos fundos de Mirandela (preservada como um “centro histórico sagrado” que relembra os tempos amargos), sempre em companhia dos cachorros que transitam livremente pela cidade, sobem nas amendoeiras da praça, ouvem os “causos” dos mais velhos.

Alguns destes, por sinal, foram reunidos recentemente em livro por Jean Lacrevez e Erimita Motta. Brincando, as crianças participam de tudo o mais que acontece em Mirandela: ajudam seus pais na fabricação de potes, panelas, telhas e tijolos de barro, no cultivo da terra, na catação do feijão, ajudam suas mães na cozinha e seus pais na caça (teiú é um dos pratos preferidos).

Frequentar as aulas na escola de Mirandela ou Marcação ministradas por professoras índias e não-índias também é fundamental. Sem abdicar da fidelidade aos seus valores, os kiriris querem aprender com os não-índios. As prioridades são educação, saúde e equipamentos. Com a renda do trabalho coletivo ou pelo apoio de instituições, eles já conseguiram uma Toyota, um trator e o maquinário elétrico da casa de farinha, mas ainda é pouco para a vida árdua que levam. Sobre educação e saúde, os dois temas que têm na ponta língua, eles explicam que precisam “de educação e saúde diferenciada”, que leve em conta a língua, as tradições kiriris e o conhecimento sobre uso de plantas que eles sempre praticaram.

Ao resto da Bahia e do Brasil, os kiriris deixam, então, o seguinte recado: “Precisamos de quem nos ensine a pescar, não adianta dar o peixe pescado. Nós precisamos também de compartilhar de uma sabedoria de lá de fora, de lá da cidade. Mas temos a nossa história, cada um tem a sua história, a sua sabedoria própria. Qual é a sabedoria que nós temos, própria? Entender sobre a natureza, sobre a fauna e sobre a flora. Porque sem esse

pensamento, sem esse movimento, como podemos sobreviver?”, fala o cacique Lázaro, para quem não há oposição entre, ao mesmo tempo, ser índio e ser brasileiro.

(Novembro de 2000)

Leia mais em: <http://www.faced.ufba.br/~kiriri>

This document was created with Win2PDF available at <http://www.daneprairie.com>.  
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.